

---

# The reason why the *rossios* should be reinvented in the contemporary city

**EURAU'12**

---

*ABSTRACT.* This approach brings up the urban multifunctionality of open urban spaces and reflects on the importance of the ethical issues, concerning the Nature and Culture. It starts with the definition of *rossio*, an open urban space Portuguese typology, discussing its functions, location and form; move towards the importance of *rossio* in the context of the historic and contemporary city; and ends with the explanation of its potential for today's society. The aim is to value this singular open space, to argue for its adaptive capacity in the improvement of our cities, and to underline its character as a fundamental urban unit.

*KEYWORDS:* open spaces, rossio, multifunctional, ethical issues, Nature, Culture.

---

**Maria Freire\***

*\*Universidade de Évora. Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) e Departamento de Paisagem Ambiente e Ordenamento (DPAO).  
Palácio do Vimioso, Largo Marquês de Marialva, [mcmf@uevora.pt](mailto:mcmf@uevora.pt)  
00351266740800*

## 1. Introdução

O *rossio* é a designação dada a vários espaços abertos públicos urbanos em Portugal. Este é um legado resistente e cobiçado, como o demonstram o significativo número de unidades ainda hoje existentes e as múltiplas intenções de alterações espaciais concretizadas ou não (1).

Para a criação do espaço *rossio* nos aglomerados urbanos foram naturalmente determinantes o contexto urbano e rural em que foi gerado, e as necessidades das respetivas comunidades. Um processo que foi determinado pelas características específicas da nossa paisagem mediterrânica e da relação que o homem com ela estabeleceu. Esta é uma paisagem de contrastes - determinada pelas características topológicas e fitoclimáticas do território e pelas diferentes civilizações que a ele acorreram - onde, a atividade agrária e a pastoril, o povoamento e a estrutura urbana dos aglomerados ocorrem mesclados, função desses determinismos. Sobre a exploração agrícola do solo, o pastoreio, o regime de propriedade e os diversos tipos de povoamento que ocorrem no nosso território, são grandes diferenças e influências que se cruzam, reforçam ou contrariam, em áreas territoriais distintas (Ribeiro, 1987, 131); agrossistemas diversos, muitas vezes multifuncionais, caracterizam assim distintas unidades da nossa paisagem cultural. Sobre a estrutura urbana portuguesa, assinalem-se múltiplas modificações e evoluções operadas na cidade (Gaspar, 1980; Marques, 1981, 1988; Salgueiro, 1992). Povoamentos onde se consolidou uma estrutura urbana mais marcada e, por outro, onde se desenvolveu uma maior sociabilidade e multifuncionalidade - aspetos que lhe determinam a morfologia e o caráter, este último ainda intimamente ligado ao mundo rural. Essa multifuncionalidade e sociabilidade é concretizada pelo conjunto diversificado de funções que a cidade acolhe e pela predisposição de vivência em sociedade que desenvolve - é local de residência, de produção e transformação de alguns produtos e de troca de quase todos, de culto religioso e de administração territorial.

Ao longo da história distintas formas urbanas foram geradas ou transformadas, num processo em que foram certamente determinantes as diferentes condições - históricas, sociais, económicas e políticas - existentes nas diversas comunidades que produziram e habitaram o espaço urbano. A imagem característica da cidade mediterrânea medieval (cristã ou muçulmana) corresponde a um sítio proeminente, de onde nasce um recinto amuralhado circundado por uma área agrícola que abastece a urbe (Ribeiro, 1987, 96-97). Nessa imagem participa, ainda, o grande espaço livre, periférico e adjacente ao recinto, junto a uma porta, onde se efetuavam atividades ou manifestações que o espaço urbano não comportava e onde se estabeleciam relações importantes entre o centro produtor, rural, e o consumidor, essencialmente urbano (**Fig.1**). Este espaço livre não permaneceu sempre no mesmo local ao longo do percurso urbano dos aglomerados. Outras localizações espaciais devem-se à expansão urbana para fora do limite da muralha (situação que conduziu, frequentemente, ao alargamento da cerca englobando-se as novas expansões), com conseqüente concretização de outros recintos livres (**Fig.2**). As portas da muralha, que se incluem na proximidade daqueles espaços livres, apresentavam uma localização certamente relacionada com as vias que ligavam cidades, regiões e mesmo circulações internacionais e ainda, quando presentes, com as pontes sobre as linhas de água e áreas portuárias.

Na cidade cristã medieval o mencionado espaço livre foi designado por *rossio*. Símbolo, por excelência, de urbanidade, uma vez que corresponde a uma unidade gerada pelo urbano, o *rossio* exprime ainda uma forte componente ruralista pela forma como evoca o contacto com o território e se abre ao mundo rural. Dualidade

urbano-rural que advém do facto de nele coexistirem funções importantes ligadas à atividade agrícola comunitária (onde se cultiva e pastoreia o gado) e à atividade comercial (onde se trocam e comercializam produtos) subsidiária da vida agrícola. Para além destas funções, o rossio traduz-se ainda numa importante área de descompressão urbana, dadas as dimensões que o caracterizam e a localização de transição que apresentam (entre o mundo urbano e rural). Também no mundo muçulmano o referido espaço livre era ocupado por mercados onde se vendiam produtos oriundos da área rural envolvente (Balbás, 1947, 437-476; Ribeiro, 1981, 215).

## **2. Características do rossio**

Para uma melhor compreensão das características espaciais do rossio, analisam-se agora os seus elementos definidores - as funções e usos que preconizam, a localização e situação em que se encontram e a forma que apresentam, conjuntamente com o contexto em que se inscrevem e a organização do espaço que expressam. Simultaneamente procura-se desvendar a evolução do rossio ao longo do tempo, a razão porque viu asseguradas vertentes distintas (como a funcional, económica, recreativa e urbanística), as atividades nele desenvolvidas e as vocações que o caracterizam.

### **2.1. A função**

O carácter primordial do espaço rossio baseia-se em princípios produtivos e comerciais, donde se consideram estas as suas funções **principais**. Contudo, parece indiscutível o seu papel preponderante como espaço de descompressão das urbes, daí lhe acrescentarmos esta função também às principais. Este conjunto de funções - produtivas, comerciais e de descompressão urbana - é revelador da função utilitária multifacetada e da plurifuncionalidade que caracterizou o rossio ao longo do seu percurso urbano.

As funções produtivas comprovam-se pelas atividades agrícolas que a população da urbe nele desenvolvia. Era praticada uma agricultura, ligada à produção de cereais e pastagens e, decorrentes dessa produção, lá se efetuavam atividades agrícolas. Assim o testemunham as eiras que lá se encontraram, a toponímia de algumas unidades e as descrições que se conhecem desses lugares (2). Ligado às funções produtivas, acresce o facto do rossio ser local de pastagem para os animais que os habitantes do aglomerado possuíam, bem como para aqueles que os viajantes e mercadores transportavam (Mattoso, 1993).

O rossio era simultaneamente local de reunião de gados e da sua comercialização (Vasconcellos, 1980, 343). Uma atividade mercantil que é reforçada pelo facto de lá ocorrerem feiras e mercados (Gaspar, 1986). A toponímia empírica destacou frequentemente essa função (provavelmente por se tratar de uma função dominante), como o confirmam as denominações toponímicas de *Rossio da Feira*. As atividades comerciais, em grande parte dos casos, ainda hoje lá permanecem (à exceção das feiras de gado, desde há algumas décadas em decadência). Estes acontecimentos comerciais, reflexo da dinâmica mercantil gerada no meio urbano, porque envolvem grandes vultos de mercadorias e aglomerações de consumidores, determinam exigências espaciais muito específicas. Os espaços amplos e livres são assim, os mais vocacionados para o desenrolar dessas atividades mercantis.

Encontram-se, portanto, as razões pelas quais a cidade teve que desenvolver um espaço amplo, livre, disponível, e conseqüentemente periférico, utilitário a um conjunto de funções por si desempenhadas.

Apropriações posteriores do espaço reforçaram a plurifuncionalidade do rossio acrescentando-lhe outras funções. Tratam-se de acomodações funcionais, que consideramos **secundárias**, dada a sua variação temporal. Estas são mais uma vez reveladoras da sociabilidade do espaço e da sua capacidade de adaptação a novos usos e funções, inscrevendo-se essencialmente num âmbito mais cultural e recreativo, distinguindo-se ainda as utilitárias especiais. Um conjunto de funcionalidades onde as características espaciais do rossio privilegiaram, uma vez mais, os grandes ajuntamentos e a multiplicidade de utilizações. As funções culturais e recreativas, manifestam-se nas festas e outros acontecimentos de caráter mais extraordinário que nele ocorreram (entradas e receções régias; autos de fé e execuções; diversão como jogos, corridas de touros, touradas ou simplesmente o passeio). As funções utilitárias especiais incluem desde as práticas militares às insalubres, de vazadouro público: as primeiras prendem-se com o facto de se tratarem de espaços amplos procurados pelos militares para realização de várias manobras (Espanca, 1942, 81); as segundas são determinadas pela localização (como já mencionámos e desenvolveremos, tratam-se de espaços periféricos), campos baldios, frequentemente utilizados como depósito dos lixos que o aglomerado produzia.

Todas as características apontadas ao rossio, como a sociabilidade, a plurifuncionalidade e fácil adaptação a novas funções, tornam-no um pólo a partir do qual as cidades se vão desenvolver. Envolvido na expansão da cidade, tornou-se num espaço central tendo dado origem, com alguma frequência, a um praça (**Fig.2**). Esta evolução resultou da dinâmica urbana associada ao rossio, tendo sido mantidas as funções comerciais com acréscimo de outras (habitação e serviços).

Às referidas funções correspondem usos diários, periódicos e ocasionais. Esta diversidade é uma característica que sempre permaneceu constante no rossio. Mesmo atualmente nele ocorrem usos de periodicidade variável, ainda que as funções tenham mudado de forma substancial – são locais de estacionamento diário, com mercados e feiras periódicas, festas, reuniões e acontecimentos culturais ocasionais.

## 2.2. Localização

A localização do rossio é ditada pelas funções primordiais exercidas por esta tipologia de espaço. Desta forma, as suas características plurifuncionais já analisadas (lugar de trocas comerciais, práticas agrícolas e de descompressão urbana) determinam-lhe uma localização **exterior e adjacente ao centro urbano** (**Fig.1 e 2**).

O caráter primordialmente funcionalista do rossio determina-lhe essa marginalidade, mas também a situação que se elege para a seu posicionamento. Nesse processo de escolha do lugar são naturalmente determinantes os fatores que se prendem com as principais acessibilidades (regionais e ao centro do aglomerado) e ainda com a topografia (situações baixas, mais húmidas e férteis) (**Fig.3**). Por outro lado, o sítio de implantação do aglomerado determina, de alguma maneira, a forma como a urbe se desenvolve e, conseqüentemente, adota um lugar para estabelecimento do seu rossio. A confirmá-lo encontra-se a multiplicidade de ocorrências de rossios numa situação fisiográfica na base da encosta ou numa zona menos declivosa da mesma, situação que se relaciona com

os lugares mais comuns de implantação dos aglomerados em Portugal, ou seja, sítios proeminentes. Nos sítios próximos a uma superfície de água, o rossio ocorre nas proximidades do porto ou da ponte e, naturalmente, de uma porta que nessa direção se desenvolve (localização que lhe reforça o caráter de troca) (3). Nos aglomerados de interior, apoiados quase sempre nas vias de comunicação ou numa estrutura defensiva, os rossios encontram-se em situações de fácil relação com essas vias e assim, também nas proximidades das portas da muralha que encerra o recinto urbano.

As múltiplas situações de ocorrência dos rossios - lugares próximos de linhas de água, das vias de comunicação principais e portas das muralhas, mas também lugares com pouco declive, preferencialmente planos - são claramente também determinadas pelas funções agrícolas e comerciais, primordiais.

Localizados de forma periférica aos aglomerados urbanos, como já afirmámos, os rossios viram-se ao longo do tempo integrados em posições relativamente centrais, em resultado do crescimento das urbes e do aumento da sua área, quase sempre nessa direção. Fatores que transformaram uma posição de periferia numa posição de centralidade (**Fig.2**).

### **2.3. Forma**

O rossio engloba-se na categoria de espaços **irregulares e amplos**, dado tratar-se de um espaço anómalo, significativamente extenso e predominantemente livre. Forma que se encontra indissociavelmente ligada às características do lugar, à vida comunitária dos cidadãos, à vitalidade económica do aglomerado e às funções e posteriores apropriações espaciais.

A composição espacial deste espaço aberto e livre é particularmente assegurada pelos limites que, para além de conterem o espaço também o definem. Os limites são constituídos por elementos vivos (árvores) e também por inertes (muralhas e/ou edificações) apresentando, ao longo do tempo e em função do espaço, variadas formalizações. Para além desses limites fechados assinala-se a constante presença e dominante expressão de limites abertos - o que reforça a multidirecionalidade espacial e reflete a abertura à cidade, ao campo e às múltiplas funções que desempenha. Dada a grande diferença de composições dos limites, podemos, falar de alguma diversidade formal no espaço rossio (que nem sempre é muito clara devido à natureza dos espaços limítrofes).

As razões da formalização do espaço rossio encontram-se, assim, essencialmente ligadas às características físicas do lugar, nomeadamente às suas características topográficas, mas também, à vitalidade económica do aglomerado que lhe determina a dimensão. Admite-se existirem, eventualmente, outras justificações para essas características formais, como seja a dimensão da propriedade onde se vem a instalar o rossio bem como o regime estatutário do terreno (baldio ou propriedade privada).

A amplitude do espaço rossio, o seu posicionamento e funções polivalentes que preconiza, conduzem-nos a uma conjugação que julgamos ser a essência deste lugar urbano. Acresce ainda o facto de que a estas características se associa uma outra particularidade - o rossio parece pressupor uma adaptação contínua às alterações e transformações do contexto correspondendo, portanto, a algo que permanece, ainda que a atmosfera que o caracteriza seja transformada (**Fig.1 e 4**). Tal reporta-nos para o contexto onde o espaço rossio se foi desenvolvendo: na sua génese, este é essencialmente rural para depois se transmutar em urbano,

transformação esta que resultou do facto da urbe se ver envolvida numa maior vitalidade económica e social. Do referido processo decorre a delimitação do rossio com edificações, que concretizam não só alterações de carácter, mas também a emergência de uma nova tipologia de espaço aberto a partir da tipologia de rossio. As características espaciais do rossio são, portanto, substancialmente alteradas devido à significativa redução da área, à transformação progressiva da forma e à configuração do espaço através de limites edificados (**Fig.2 e 5**). Nesta sucessão espacial tem continuidade o carácter público que caracteriza o lugar mas também a sociabilidade e multifuncionalidade que, desde a sua génese, o identificam. Conclui-se assim que as funções que exercia e as apropriações posteriores modelaram, no tempo e no espaço, a sua forma.

### **3. Para uma reinvenção do espaço rossio**

A cidade do presente é constituída diversos tecidos urbanos, diferentemente caracterizados quanto ao modo de articulação e diferenciação dos seus constituintes cheios e vazios (Choay, 1992). Nesta estrutura global (que integra a cidade histórica e a cidade contemporânea), o espaço rossio pode ser considerado uma unidade urbana excecional, não só pelo seu desempenho na estruturação e vivência urbana, ao longo do tempo, como pelo potencial que evidencia nos aglomerados em que ainda está presente.

Como mencionámos os rossios têm com sólida presença nos tecidos urbanos em Portugal, tendo sido especialmente valorizados na memória coletiva ao longo dos séculos (condição que o sustenta dentro das componentes históricas e culturais).

Este maior e mais polivalente espaço urbano, emprestou-se sempre à mudança e ao desenvolvimento de múltiplas atividades e funções. Uma circunstância que justifica as variadas apropriações e evoluções espaciais, num processo continuado de mudança (condição que o estabelece como uma unidade urbana fortemente marcada por aspetos utilitários, estéticos e ainda ecológicos).

Porém, hoje os rossios são já um vazio significativamente reduzido e fragmentado. Nele foram adicionados e justapostos, de modo desconexo, equipamentos, edificações e outras construções (escolas, centros culturais, parques urbanos, estacionamentos, construções desportivas, novos bairros, vias de comunicação). Donde resulta uma imagem globalmente descaracterizada e desqualificada, onde o espaço residual é palco excecionalmente utilizado para atividades culturais, comerciais e desportivas e, na maior parte do ano, é lugar de estacionamento.

Dado o valor histórico que apresenta e as características singulares que o definem, a tipologia expressa um enorme potencial no contexto das exigências dinâmicas fugazes da sociedade atual. Tal advém-lhe da capacidade de receber e sugerir atividades muito diversas (lúdicas, produtivas e comerciais), uma conjugação em que se distinguem vários domínios (estéticos, culturais e ecológicos). Esta circunstância elege o rossio como um lugar extraordinário para a cidade de hoje e como uma tipologia notável, a acionar no contexto da sociedade sempre em transformação.

Por outro lado, ao longo do último século, as políticas de planeamento urbano e de salvaguarda do património paisagístico favoreceram a acomodação cada vez mais específica de atividades e funções, frequentemente com conseqüente interiorização em espaços edificados fechados. Uma especialização funcional e dispersão espacial desvalorizadora da multifuncionalidade, como vimos, particularmente característica aos espaços da paisagem portuguesa. Como tal, a multifuncionalidade é um valor

que observamos fundamental no contexto dos espaços abertos públicos da cidade atual, bem como no contexto das necessidades face às sociedades futuras, em constante e acelerada mudança. Defende-se então a necessidade de pensar os usos e as necessidades dos utilizadores numa perspetiva multifuncional.

Ora o valor histórico do rossio, juntamente com as suas características espaciais singulares (localização, terrenos baixos, espaços abertos amplo e multifuncionais), expressam uma aptidão extraordinária no presente. Referimo-nos à conjugação e ativação de diferentes requisitos simultaneamente no mesmo espaço e com capacidade adaptativa ao longo do tempo - atividades, funções e valores, particularmente ligados com o caráter transitório da sociedade atual. Assim, espaços abertos com tais características e capacidades adaptativas parecem fundamentais para assegurar a dinâmica e exigências requeridas à cidade do presente, numa perspetiva futura. A mencionada espacialidade e flexibilidade pode assegurar diversas oportunidades de estruturação e vivência urbana, incluindo o espaço para lazer, para a agricultura, para jardinagem, para atividades comerciais, culturais e eventos cívicos, bem como para estacionamento.

Surge então a ideia de reinvenção daquele que pode ser considerado o maior, o mais *poroso* e o mais *dinâmico* espaço aberto urbano. Aqui se incluem os domínios do fluxo da água e do ar, da circulação das pessoas e bens, da produtividade e fertilidade - numa resposta múltipla a diversas funções, convocando distintas atividades e valores. Assim uma unidade urbana polivalente que se consubstancia na estrutura global (ecológica e cultural), defendida por Magalhães (2001). Uma unidade estruturadora urbana que sublinha uma construção assente em princípios éticos - perante a Natureza e a Cultura - segundo uma combinação de domínios, tornados claros através da espacialidade, funcionalidade e estrutura, e sedimentada no significado ecológico e cultural.

Pensamos então a tipologia do espaço rossio como uma contribuição sugestiva de soluções inovadoras e sustentáveis sobre como desenhar, planear e gerir as cidades atuais, no contexto da dinâmica que caracteriza a sociedade urbana.

## **Bibliografia**

BALBÁS, Leopoldo. *Plazas, Zocos y Tiendas de Las Ciudades Hispanomusulmanas*. in *AL-Andalus*, vol. XII, 1947.

CHOAY, Françoise. *L'invention du patrimoine urbain, quel patrimoine aujourd'hui*. in *Colloque International Les 50 ans des Secteurs Sauvegardés*, Dijon, France, 1992.

ESPANCA, Túlio, *Património Artístico Municipal. Imóveis. A Ermida de S. Brás*. in *A Cidade de Évora*, n.º 1, Ano 1º, dezembro 1942.

FREIRE, Maria. *Rossios, do significado urbano. Um caso estudo, o rossio de Évora*. Tese de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico. Universidade de Évora, Portugal, 1999.

GASPAR, Jorge, *As Feiras de Gado na Beira Litoral, «Espaço e Sociedade»*, 2ª ed., n.º 5, Livros Horizonte, 1986 (1ª ed. 1970).

GASPAR, Jorge, *et al.. Quatro Ensaios Sobre a Geografia em Portugal*. Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, Lisboa, CEG/INIC, 1980.

MAGALHÃES, Manuela. *A arquitetura paisagista. Morfologia e complexidade*. Lisboa, Editorial Estampa, 2001.

MARQUES, António. *Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa*. in *Bracara Augusta*, vol. 35, n.º 92-93, Braga, janeiro - dezembro 1981, pp. 367-387.

MARQUES, António. *Novos Ensaios da História Medieval Portuguesa*. Lisboa, Presença, 1988.

MATTOSO, José, *História de Portugal*, vols. II, III e V, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

RIBEIRO, Orlando. *Las Ciudades Ibericas Tradicionales y su Expansion Por el Mundo*. in I Colóquio Ibérico de Geografia, Universidade de Salamanca, 1981.

RIBEIRO, Orlando. *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico*. «Nova Universidade», 5ª ed., n.º 13, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editores, 1987.

SALGUEIRO, Teresa. *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. «Cidade em Questão», 2ª ed., n.º 8, Lisboa, Edições Afrontamento, 1992.

VASCONCELLOS, José. *Etnografia Portuguesa*. vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1980.

## Notas

- (1) O corpo principal deste artigo é baseado na tese de mestrado desenvolvida pela autora (Freire, 1999).
- (2) Salienta-se o facto da aptidão ou vocação agrícola não ser constante ao longo do tempo.
- (3) Esta localização dos rossios, frequentemente na margem oposta à que se implanta o aglomerado que o gera, encontra provavelmente justificações em razões topográficas (porque as situações mais frequentes ocorrem em aglomerados que se implantaram em colinas junto a esses cursos de água), na vitalidade económica do aglomerado e na facilidade de transposição do elemento água.
- (4) Resultado da relação que o Homem com estabeleceu com o território ao longo dos tempos.



## Legendas

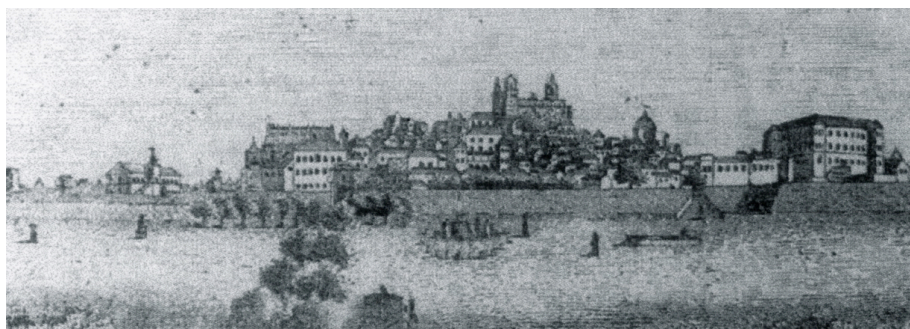


Fig. 1 - Rossio de S. Brás (Évora). O espaço aberto, livre, periférico ao aglomerado muralhado, junto a uma porta. (Fonte da imagem: Arquivo da Câmara Municipal de Évora)

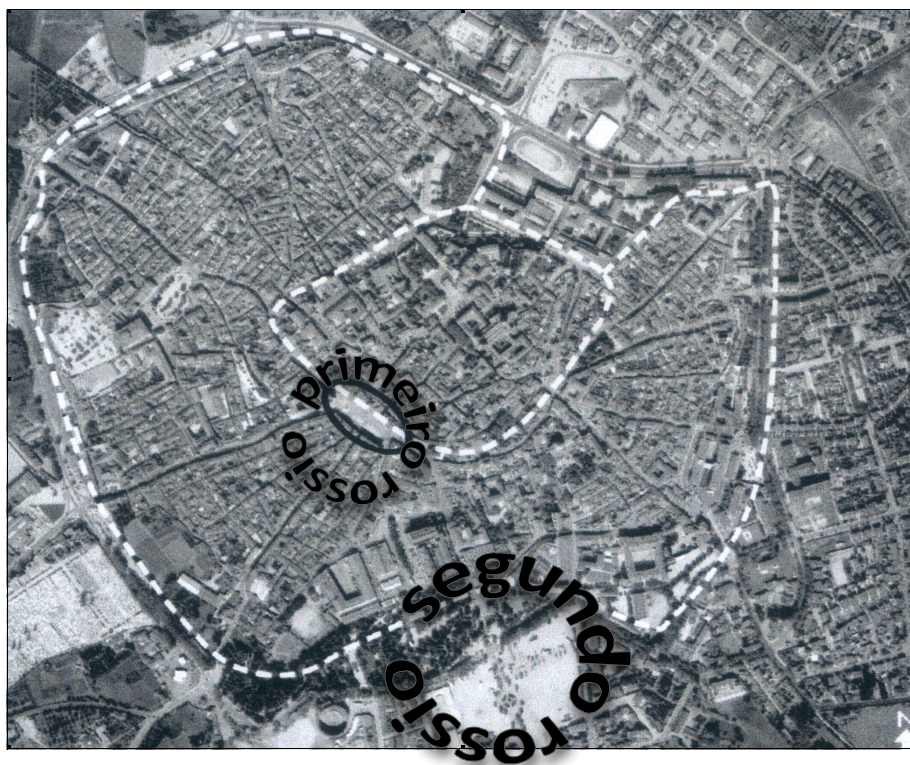


Fig. 2 - Rossios de Évora: o primeiro adjacente à cerca romana (hoje a Praça do Giraldo, a principal praça da cidade contemporânea) e o segundo junto à cerca setecentista (rossio de S. Brás). (Fonte da imagem: Freire, 1999)

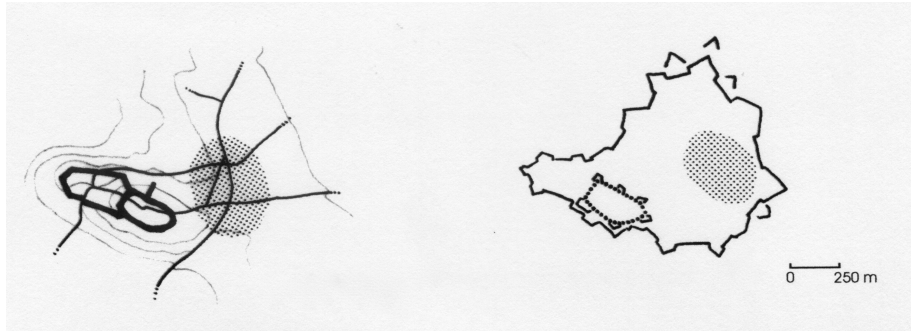


Fig. 3 - Rossio de Estremoz. Primeiro com uma localização relacionada com a expansão do arrabalde e com a comunicação viária regional, numa situação aplanada na base da encosta. Posteriormente a sua inclusão no interior da cerca setecentista. (Fonte da imagem: Freire, 1999)



Fig. 4 - O rossio de S. Brás de Évora (situação atual). (Fonte da imagem: Freire, 1999)



Fig. 5 - Rossio de Estremoz. A redução e fragmentação do espaço inicial e a manutenção de uma generosa dimensão. (Fonte da imagem: Arquivo Câmara Municipal de Estremoz)

## **Biografia**

Maria da Conceição Marques Freire is a Landscape Architect, graduated in University of Évora, Portugal, with a five years degree in Landscape Architecture, master in Landscape Recovery and Heritage Architecture and PhD in Arts and Techniques of the Landscape. Since 2000 she teaches Landscape Design in Landscape Architecture course of the University of Évora. She has been participated in several research projects of landscape studies. Her research interests focus is on the essence of the landscape and on landscape design teaching.